

Jornalistas criticam a imprensa e defendem o delegado Protógenes

16/03/2009

O fato de o delegado Protógenes Queiroz, que vai ser indiciado por grampo ilegal e quebra de sigilo funcional, ter informações sobre investigações em seu computador particular não significa que ele as conseguiu ilegalmente. A opinião é dos jornalistas Jailton de Carvalho, do jornal *O Globo*, e Leandro Fortes, da revista *Carta Capital*, que criticaram a cobertura da imprensa e defenderam o delegado. Os dois participaram do programa *Comitê de Imprensa*, da TV Câmara.

Na conversa, mediada pelo jornalista Paulo José Cunha, Jailton de Carvalho e Leandro Fortes afirmaram que faltam provas do que vem sendo divulgado pela imprensa, principalmente pela revista *Veja*. A revista publicou que, no computador e no *pen drive* do delegado, apreendidos por ordem judicial em inquérito que apura se houve ilegalidades na Operação Satiagraha, foram encontrados relatórios que levantam suspeitas graves sobre as atividades de ministros do governo, fotos comprometedoras usadas para intimidar autoridades e gravações ilegais de conversas de jornalistas.

Para Carvalho e Fortes, faltam provas de que houve arapongagem. O jornalista Jailton de Carvalho afirmou que, ainda que o que a revista *Veja* divulgou seja verdade, não é possível saber se as informações no computador de Protógenes foram obtidas de forma ilegal. “Qual é o indicativo de que a informação chegou até ali [*no computador do delegado Protógenes*] de forma ilegal?”, perguntou.

Jailton de Carvalho também falou sobre o vazamento da operação. Em abril de 2008, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma notícia, assinada pela jornalista Andrea Michael, sobre a investigação da Polícia Federal cujo alvo era o banqueiro Daniel Dantas. Segundo a revista *Veja*, não houve autorização para investigar Andrea, mas dados sobre a jornalista foram encontrados no computador de Protógenes. Na época, o delegado chegou a pedir a prisão de Andrea, mas o pedido foi negado.

Jailton de Carvalho afirmou que a equipe do delegado se mobilizou para saber quem tinha passado a informação para a repórter. “Não sei se o telefone dela foi grampeado. A informação que tenho é que houve um agente de inteligência, que se aproximou dela e estabeleceu uma relação de amizade, e gravou uma conversa entre os dois. Nesta conversa, ela menciona de onde poderia ter partido a informação. Tem alguma ilegalidade nisso?”, questionou sobre a investigação em cima da jornalista.

Carvalho acha que não. A tese dele é de que a pessoa pode gravar a própria conversa. Ele não soube dizer, no entanto, se esse tipo de monitoramento não autorizado poderia entrar na investigação. Paulo José Cunha, apresentador do programa, esclareceu que a conversa gravada não tem validade jurídica.

Leandro Fortes e Jailton de Carvalho tentaram encontrar justificativas para as informações armazenadas no computador do delegado. “Aquilo deve ser depositário de informações como os jornalistas têm”, afirmou Leandro Fortes. Já Jailton de Carvalho afirmou que sabe de detalhes da vida privada de algumas pessoas públicas sem nunca ter feito grampo ou espionagem. “Às vezes, a informação chega por outras vias”, disse, referindo-se ao relato contado por terceiros, por exemplo.

Leandro Fortes, por sua vez, afirmou que a suposta pasta “Protógenes – A lenda”, no computador do delegado, é justificável. “Suponhamos que eu seja convidado para o *New York Times*. Eu poderia abrir uma pasta e escrever Eu – Rei de Nova York”, disse. Segundo ele, pode ser uma explosão de vaidade.

Investigação desmoralizada

A Operação Satiagraha levou o banqueiro Daniel Dantas à prisão por duas vezes. Nas duas, foi solto por conta de liminar dada pelo Supremo Tribunal Federal. Segundo Leandro Fortes, a desmoralização do trabalho de investigação feito por Protógenes começou logo depois da operação.

Os dois jornalistas defenderam a cobertura de outros assuntos. Leandro Fortes disse que há uma cobertura muito desequilibrada da Operação Satiagraha. Ele afirmou que a *Carta Capital* fez uma ampla investigação sobre os negócios do ministro Gilmar Mendes, presidente do STF, em Brasília. Fortes se referia ao Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP). Ele afirmou que Mendes é dono do IDP, que tem no seu quadro vários professores que têm ações no Supremo, conseguiu dinheiro do governo Roriz, do Banco do Brasil e tem contratos sem licitações. Fortes disse que foi processado pelo ministro por conta de capa da *Carta Capital* com essas revelações.

Para Leandro Fortes, a notícia do grampo de uma conversa entre o senador Demóstenes Torres e o ministro Gilmar Mendes é um “absurdo”. “Cadê o áudio daquilo, cadê a prova?”, perguntou. Ele criticou a informação, dada como verdadeira e replicada pelos outros órgãos de comunicação.

Jailton de Carvalho, que afirmou conhecer o delegado Protógenes, acredita que o vazamento da operação, em abril, levou o delegado a tomar atitudes desesperadas como a de fazer a gravação de uma conversa com o chefe dele. “Ninguém se levantou contra o vazamento”, criticou. O jornalista afirmou, ainda, que foi a partir do vazamento que o delegado começou a se sentir isolado e acabou por cometer alguns erros. “Qual o tamanho desses erros, eu não sei”, disse.

CPI política

O jornalista Leandro Fortes criticou também a CPI dos Grampos, que “já nasceu torta”, por ser presidida pelo deputado federal Marcelo Itagiba (PMDB-RJ). Segundo Fortes, o ex-diretor da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), delegado Paulo Lacerda, é um desafeto do deputado. Este também, diz Fortes, é ligado ao governo José Serra (PSDB-SP) “[A CPI] não está investigando nada”, afirmou, se referindo ao viés político da comissão.

Já Jailton de Carvalho perguntou com que propósitos foi aberta a CPI. “Não tinha um fato claro e específico”, afirmou. Ele questiona por que a Operação Satiagraha, entre tantas outras da



Polícia Federal, foi eleita para se “desconstruir”. Para ele, existe uma pressão muito grande contra a operação. “Os erros estão sendo verificados com lupa”, disse. “Que motivo dantesco há por trás?” completou ironicamente Fortes. Para ele, há um jogo de interesses que vai ficar claro em 2010, ano de eleições.

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2009-mar-16/jornalistas-criticam-imprensa-defendem-delegado-protogenes/>